China. Hong Kong e Xangai podem roubar o lugar à City e a Wall Street



Em apenas dois anos seis empresas investiram mais de 4,5 mil milhões de euros em sociedades portuguesas

ISABEL TAVARES
isabel.tavares@jonline.pt

A China está à procura de alternativas para manter os níveis de crescimento económico que tem vindo a registar nos últimos anos, consciente de que os superavits da balança comercial não durarão para sempre. O governo está empenhado na criação de uma zona franca em Xangai como incubadora de medidas que poderão vir a ser estendidas a outras áreas do país. Enquanto isso, Hong Kong, até pela influência britânica, poderá vir a tornar-se numa praça tão atractiva como a City ou Wall Street.

Para uma boa parte dos analistas financeiros, empresários e investidores, é fundamental que, para dar o salto e reforçar a sua posição enquanto potência económica, a China crie um mercado de serviços financeiros de dimensão internacional. O governo chinês tem dado passos nesse sentido e em declarações oficiais afirma a intenção de utilizar a zona franca de Xangai como laboratório de testes sobre os eventuais riscos da abertura da actividade financeira para a economia e cultura chinesas, manifestando interesse em estender ao resto do território as medidas que obtiverem êxito.

Esta é também a opinião de Rafael Lomenso (ver caixa pág. 25), da CCA-Ontier, especialista na áreas de Corporate e Internacional. Este responsável vai mais longe e afirma que, pelo menos para já, é Hong Kong quem tem capacidade para ser uma praça tão ou mais atractiva do que a City ou Wall Street. Lomenso, que hoje participa num seminário em Xangai, "China – Portugal: Doing business together", no qual participarão o Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, e o presidente da AICEP, Miguel Frasquilho, no âmbito da visita oficial à China, disse ao jornal *i* que apesar de o objectivo da zona franca de Xangai ser "substituir Hong Kong como centro financeiro asiático para investimentos relacionados com o mercado chinês, no curto e médio prazo tudo indica que o resultado será exactamente o oposto".

Ou seja, "devido às relações privilegiadas com a China continental, ao sistema jurídico confiável e propício à oferta de serviços financeiros pela influência britânica e alto grau de desenvolvimento dos serviços bancários e financeiros, Hong Kong está posicionado para fortalecer no médio prazo a sua posição como centro financeiro regional", afirmou.

Lomenso diz que actualmente já pode ser identificado em Hong Kong um interesse de bancos e fundos estrangeiros neste mercado devido à estrutura que está a ser criada e "do que vimos até ao presente, o posicionamento ideal parece passar pela presença em ambos os mercados relevantes, Hong Kong e Zona Franca de Xangai". Mas há mais. Está também em fase avançada de negociação um sistema de reconhecimento mútuo de fundos entre a China continental e Hong Kong.

Em termos práticos as alterações resultam na possibilidade de um fundo constituído em Hong Kong vender títulos directamente ao mercado chinês e, inversamente, os fundos constituídos na China continental venderem os seus títulos ao público em Hong Kong. As implicações são imensuráveis, mas Rafael Lomenso acredita que "esta estrutura abriria o acesso ao maior volume de fundos privados ainda não explorados pelo mercado financeiro internacional e ainda a possibilidade de investimento estrangeiro especulativo na China desde que proveniente de Hong Kong", que "detém um sistema financeiro e jurídico dos mais avançados".

Passaria, por isso, a ser possível num futuro próximo criar fundos de investimentos sedeados em Hong Kong, cujos títulos poderão ser vendidos directamente ao mercado chinês, que detém hoje poucas possibilidades de investimento especulativo aos seus nacionais e que poderia ter como objecto, por exemplo, o investimento em determinado sector económico em Portugal ou em certa classe de acções cotadas em bolsa.

"Não haverá certamente motivos para Portugal e as suas empresas, seja pela oferta de serviços financeiros, seja como meio de financiamento empresarial, não participarem nestas oportunidades logo neste primeiro estágio de abertura", considera o advogado.

Afinal, a China é muito mais do que um país destino de exportações portuguesas, que cresceram de 140,9 milhões de euros no primeiro trimestre de 2013 para 210,4 milhões de euros nos três primeiros meses deste ano (as importações mantiveram-se na casa dos 377 milhões).

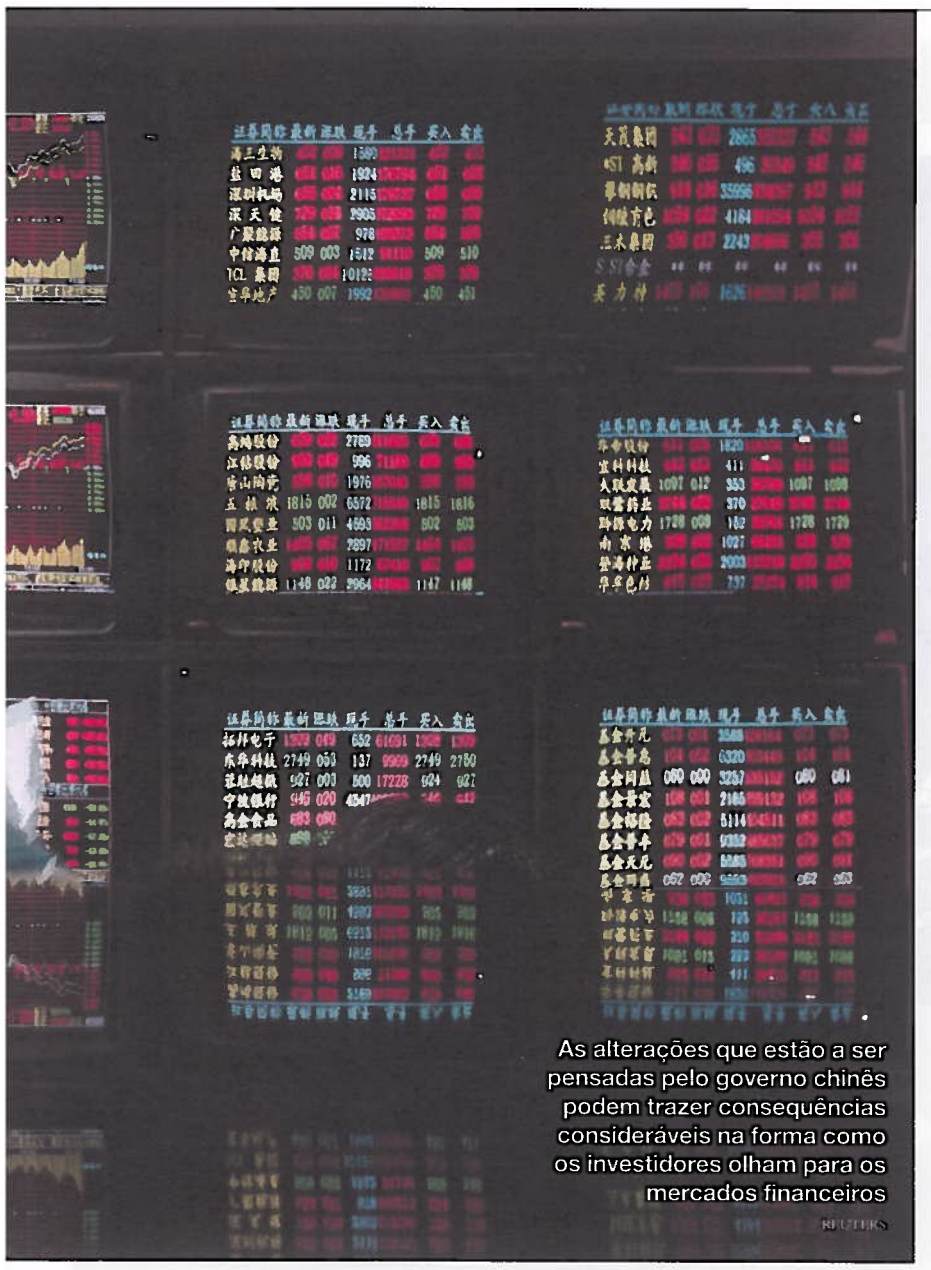
Números

4

Era, em 2011, o número de empresas detidas em mais de 50% por capitais chineses (facturação/ano 97,6 milhões)

4,5

mil milhões foram investidos pela China em empresas portuguesas desde então (mil milhões nos seguros da CGD)



As alterações que estão a ser pensadas pelo governo chinês podem trazer consequências consideráveis na forma como os investidores olham para os mercados financeiros

REUTERS

P&R



Rafael Lomenso
Advogado da CCA-Ontier
Escritório Xangai, China

"As reformas do governo chinês excedem uma mera liberalização da economia"

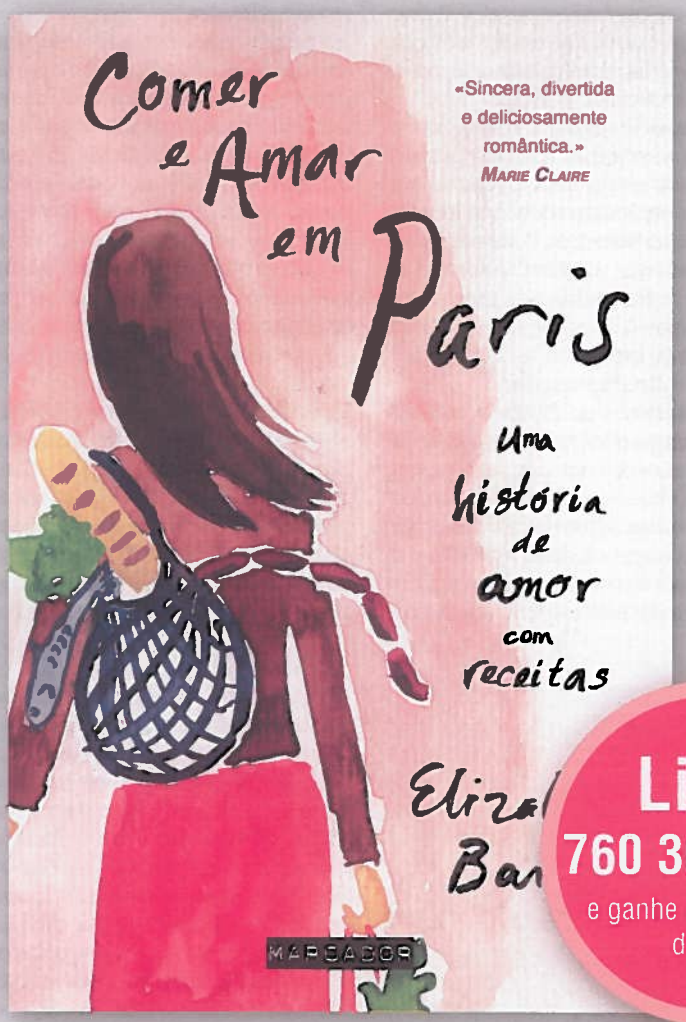
O crescimento da China implica a criação de um mercado de serviços financeiros internacional. Isso está a acontecer? Diversas medidas apontam para esta 'revolução' dos mercados financeiros chineses. A mais evidente é a recente criação da Zona Franca de Xangai, estabelecida oficialmente em 29 de Setembro de 2013, cujas reformas excedem em muito uma mera liberalização de certas actividades económicas.

O que é que ainda continua a faltar para dar o salto? Falta quase tudo. É um processo que vai agora iniciar-se. Um projecto piloto que pretende ter um grande impacto a curto e médio prazos. Mas para já falta dar confiança ao investidor, responder a questões básicas como a fiscalidade e a regulação, entre outras.

Sobre a criação da Zona Franca de Xangai, quais as vantagens competitivas, nomeadamente para Portugal? Permite a qualquer empresa actuar no mercado chinês sem passar por um processo de licenciamento muitas vezes penoso e de duração incerta. Permite prestar serviços financeiros sem os normais constrangimentos, permite aparentemente a livre convertibilidade do yuan e a livre fixação da taxa de juro. Pretende ser aquilo que o actual presidente chinês deseja que seja o futuro da economia do país: total livre inicitiava privada com regulamentação do estado.

Quais as alterações que estão previstas? No âmbito de serviços financeiros, e do pouco que oficialmente foi publicado até à data, prevê-se que a moeda chinesa tenha liberdade de conversão (o modelo actual determina limites anuais para a conversão de renminbi em moedas estrangeiras assim como limites de investimento fora da China), que os bancos chineses tenham liberdade para oferecer serviços offshore e que produtos financeiros estruturados possam ser criados com base em activos gerados no próprio mercado chinês e oferecidos em mercados offshore e no mercado interno.

PUB



Passatempo

"Comer e Amar em Paris"

Esta é uma história de amor real, numa Paris tradicional, bonita, mas simultaneamente cosmopolita. Cheia de cor, sabores doces e intensos. Com todos os ingredientes de uma boa história e que podia acontecer a qualquer mulher. Porque na Cidade das Luzes, todos os sonhos se tornam realidade.

Uma jovem mulher é apanhada entre duas paixões – a primeira, a do seu novo e lindo amor Gwendal, e a segunda, a fantástica cozinha francesa. Misturadas numa das mais românticas cidades do mundo, fazem a protagonista perceber que, juntas, elas podem fazê-la descobrir quem realmente é e tornar os seus talentos a sua forma de vida e a sua nova paixão. Tudo regado com molho de vieiras e champanhe, muito gengibre, e, claro, no final, uma sobremesa de soufflé de chocolate.
Uma história contada entre cores e sabores, em mercados de Paris, com cheiro a coentros e sabores intensos a canela e endro.

Ligue 760 30 21 08* e ganhe um exemplar do livro

*De 15 em 15 chamadas oferecemos um exemplar do livro. Custo de chamada 0,60€+IVA. Ao participar aceita as condições do regulamento disponível **www.ionline.pt/ipassatempos**. Para esclarecimentos contacte **passatempos@ionline.pt**

MARCADOR Jornal i